

SABERES TRADICIONAIS E PRÁTICAS DE CURA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA NICANOR DA LUZ (PIRATINI, RS)

NICOLE PEREIRA XAVIER¹; ROSANE APARECIDA RUBERT²

¹*Universidade Federal de Pelotas – nicolepxavier@gmail.com*

²*Departamento de Antropologia e Arqueologia (ICH/UFPel) – rosru@uol.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca compreender as práticas de cura e saberes a elas associados na comunidade quilombola Nicanor da Luz, situada no município de Piratini (RS), localizada no Bairro Cancelão, à 10 quilômetros da área urbana. É composta por famílias que realizaram o êxodo rural por diversos motivos, se instalando nesse bairro que fica entre o rural e o urbano, formando uma rede de vizinhança. Algumas dessas famílias migrantes adquiriram o seu lote de terras de um homem negro – Nicanor da Luz -, também oriundo do meio rural, que por ter mais posses, adquiriu uma propriedade de aproximadamente 30 hectares, loteando, posteriormente, parte dessa área para outras famílias, em sua maioria, negras.

Por ser considerada uma pessoas que auxiliava quem vinha do meio rural, Nicanor da Luz, já falecido, é uma referência comum aos moradores. Aproximadamente 20 famílias negras, no ano de 2016, articularam-se em uma Associação Quilombola, manifestando o autorreconhecimento nesta categoria jurídica e política. O nome de Nicanor da Luz foi escolhido, então, para denominar a Associação Quilombola.

A ressemantização do conceito de quilombo, pensada sob o prisma da autodefinição, a partir da institucionalização de direitos específicos para comunidades negras na Constituição Federal de 1988, aponta para um fenômeno social no qual identidade e território andam juntos. Segundo LEITE,

[...] trata-se, portanto, de um direito remetido à organização social, diretamente relacionado à herança, baseada no parentesco; à história, baseada na reciprocidade e na memória coletiva; e ao fenótipo, como um princípio gerador de identificação, onde o casamento preferencial atua como um valor operativo no interior do grupo. (2000, p.345)

Já ALMEIDA (2002) deixa explícito que, referente à definição das comunidades de remanescentes de quilombos, para além de uma possível ancestralidade em comum, o que assegura a unidade do grupo, são modalidades organizacionais específicas e projetos políticos compartilhados, expressos em suas ações coletivas e na forma como se representam para si próprios e frente aos outros grupos.

A comunidade Nicanor da Luz tem como princípio organizador de sua cosmologia e relações sociais a religiosidade umbandista, um dos fatores que foi acionado para reivindicar a identificação como quilombola. A referida prática religiosa é oriunda dos tempos em que essas pessoas viviam na zona rural, sendo, então, um aspecto que permaneceu e acompanhou as mudanças nas suas trajetórias de vida. Toma-se conhecimento, pelos relatos de vários integrantes da comunidade quilombola e centro de umbanda, que haviam vários centros umbandistas dispersos pelo interior de Piratini, em localidades de difícil acesso, com modalidades de culto muito peculiares e que, certamente, podem revelar faces ainda não conhecidas dessa forma de religiosidade no RS. Esses centros foram sendo fechados com o tempo, e, com a

própria migração de várias famílias para o Cancelão, foram sendo aglutinados no que hoje vem a ser o Centro de Umbanda Nossa Senhora Aparecida, muito freqüentado não só pelas pessoas do local, mas também por pessoas de localidades rurais e de municípios das redondezas.

Santa Ulguim da Silva, “cacica” desse Centro de Umbanda, é uma liderança fundamental para a comunidade, pois é uma das moradoras mais antigas do lugar. Dona Santa – ou Tia Santinha para os íntimos – tem prestígio e confiança para intermediar as relações locais e também com a comunidade não-quilombola de Piratini e região. Além do acolhimento prestado às pessoas do lugar, para tratamento de saúde e aconselhamentos perante problemas diversos, atende muitas outras que a procuram vindos da cidade de Piratini – inclusive autoridades – e de outros municípios. Ela ainda se desloca para a cidade de Piratini para atender doentes, especialmente no hospital. Mesmo que não ocupe cargos na diretoria da Associação Quilombola, por ser analfabeta, transfere toda a sua reputação como líder religiosa e benzedeira para a atividade de mediação junto ao poder público e outros setores sociais, com vistas ao fortalecimento da comunidade quilombola.

O Centro de Umbanda tem papel crucial para a comunidade, pois é através dele que se (re)articulam diversos vínculos sociais que faz a comunidade ser o que ela é. Mas cabe dizer que não é o único princípio organizador. Os vínculos de parentesco, vizinhança e o fato de se ter passado por um processo migratório similar, são fatores que geram solidariedade e coesão. Tanto que algumas famílias quilombolas são evangélicas – Igreja do Evangelho Quadrangular –, inclusive a irmã de Dona Santa, e isso não abala a consistência dos vínculos entre os integrantes da Associação Quilombola.

Estabeleceu-se, no local, a constituição de um território negro e observamos o fato conforme a designação de SEGATO (2005) quando demonstra que território consiste numa apropriação política de um espaço tendo relação com sua organização, delimitação, classificação, distribuição, seu uso e principalmente sua identificação. Para a autora, por ser o território significante de identidade pessoal ou coletiva, ele age como instrumento nos processos ativos de identificação e representação da identidade.

Para SEGATO (2005) assim como as narrativas, o território também tem caráter especular, pois consiste numa representação que nos representa. Nunca é exatamente como o referenciamos. A autora também salienta que o território é marcado pelos emblemas identificadores de sua ocupação, sendo inscrito pela identidade do grupo que o ocupa e o considera próprio e o transita livremente.

Referente aos saberes tradicionais evidenciados na comunidade Nicanor da Luz, tomo como base o entendimento de LITTLE (2010) que define os conhecimentos tradicionais como

[...] Todos os conhecimentos pertencentes aos povos indígenas, às populações agroextrativistas, aos quilombolas, aos ribeirinhos e aos outros grupos sociais que se dizem tradicionais, que sejam utilizados para suas atividades de produção e reprodução nas suas respectivas sociedades. (2010, p. 11)

Atentando para as múltiplas relações existentes entre os dois tipos de sistemas de conhecimento – os sistemas de conhecimento tradicional e o sistema da ciência moderna –, busco, neste trabalho, compreender quais os significados das práticas de cura e seus referentes saberes nos processos de reterritorialização de famílias negras em êxodo do meio rural para o urbano.

2. METODOLOGIA

Meu contato inicial com a comunidade se deu através do Projeto de Extensão “Etnodesenvolvimento e Direitos Culturais em Comunidades Quilombolas e Indígenas”, coordenado pela professora Rosane Rubert, no qual fui bolsista em duas oportunidades, nos anos de 2014 e 2016. Pautados numa inserção coletiva, buscamos construir relações simétricas com essas comunidades, reelaborando métodos e objetivos ultrapassados na prática antropológica, como descrições unilaterais, estereotipadas e exotizantes.

PACHECO DE OLIVEIRA (2013) afirma que para superarmos a noção normatizante e redutora da etnografia, devemos aperfeiçoar e atentar para a complexidade do instrumento de conhecimento que utilizamos que é o trabalho de campo. Ele ainda assinala que o que será observado em campo já não pode atender apenas o interesse do pesquisador, mas é necessário que a própria comunidade compreenda e aprove a finalidade da pesquisa. Conforme o autor é importante que haja uma nova estratégia discursiva, na qual interesses e valores das comunidades sejam constituintes da construção do conhecimento. Para PACHECO DE OLIVEIRA,

[...] O trabalho de campo corresponde à construção de uma “comunidade de comunicação”, algo que ocorre dentro de um processo social que se desdobra no tempo e que pode propiciar a elaboração de hipóteses e interpretações as quais possam iluminar a compreensão do homem e sua história. (2013, p. 65)

A equipe do projeto de extensão é interdisciplinar e freqüentemente realizamos saídas de campo para a comunidade com diversas finalidades. Entre elas está a assessoria do grupo de artesãs Raízes Negras, da comunidade Nicanor da Luz, que com parceria com o projeto Caritas, da igreja católica, e com as doações de retalhos de tecido de malharias de Pelotas, produzem diversos artigos artesanais com a finalidade de geração de renda para as integrantes.

Outra atividade que está em andamento na comunidade é o documentário com o tema de saberes tradicionais das plantas medicinais e seus tratamentos curas. Referente a isso, realizamos entrevistas previamente roteirizadas, sendo elas gravadas com o uso de câmera e gravador de voz.

Embora esteja usufruindo de uma etnografia coletiva, faço também minhas próprias inserções em campo. Através da observação participante pude vivenciar algumas festividades religiosas do Centro de Umbanda da comunidade, e, também, realizar algumas entrevistas.

Dado o fato de que minha inserção no campo se deu através de um projeto de extensão, considero o que foi dito por CARVALHO (2005) quando, na análise do termo da palavra extensão, podemos realmente identificar a tensão que é gerada pela exclusão de saberes que não são legitimados ao saberes institucionalizados. E, a partir daí, será possível realizar projetos e parcerias com as comunidades detentoras desses saberes tradicionais e, com isso, ampliar a visão de conhecimentos acadêmicos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa está em andamento, mas já foram realizadas quatro entrevistas com Dona Santa, já apresentada, uma com Sr. Osmar, presidente do Centro de Umbanda, uma com Dona Senhorinha, devota e assídua no Centro de Umbanda, uma com Dona

Leci, devota da Igreja do Evangelho Quadrangular e, finalmente, uma com Dona Zeni, médium do Centro de Umbanda. Todos(as) integram a Associação Quilombola.

Minha pesquisa não se deterá à Dona Santa, entretanto, é a principal colaboradora tendo em vista seu grande conhecimento dos usos das plantas medicinais, seus requisitados benzimentos e sua centralidade na comunidade, já que é uma liderança política tradicional. Nas entrevistas realizadas, Dona Santa relatou que sua vivência com a espiritualidade sempre pautou sua vida. Seus pais tinham Centro de Umbanda no meio rural e desde seus 19 anos participa como médium. Acompanhava sua mãe parteira com quem aprendeu técnicas de cuidados com a saúde de parturientes e recém nascidos. Explanou sobre sua comunicação com a espiritualidade, que, muitas vezes, extrapola o tempo ritualístico, visto que, frequentemente a comunicação se dá através de sonhos, intuição e visões.

Pode-se observar que Dona Santa tem vasto conhecimento sobre benzimentos, simpatias e usos de ervas de chá e outros elementos naturais, desde cuidados para enfermidades corpóreas e até cuidados para enfermidades de lavouras. Alguns benzimentos e simpatias podendo ser compartilhados em entrevistas e outros não.

A religiosidade da comunidade, na prática, extrapola a lógica umbandista. Através de encomenda de pessoas de diversas localidades e com auxílio de uma amiga de Canguçu, Dona Santa abre o Centro de Umbanda para que sejam realizadas as rezas dos terços católicos para almas de pessoas que já faleceram, em uma forma ritual que é muito diferente dos terços convencionais. Também ocorrem sessões de mesa-branca, fundamentadas no kardecismo, direcionadas pontualmente para a cura.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa, que está em fase de desenvolvimento e se desencadeará numa monografia, buscará explanar peculiaridades de uma prática umbandista forjada no meio rural, na qual se tem raros registros no Rio Grande do Sul. Além disso, poderá elucidar sobre a recriação de referências culturais mediante processos de exôdo rural e reterritorialização.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A W. Os Quilombos e as Novas Etnias. In: O'DWYER, E C (Org.) **Quilombos**: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: FGV, 2002. Cap.1, p 43-81.

CARVALHO, J J. A extensão e os saberes não-ocidentais. In: CARVALHO, J J (Org.) **Inclusão Étnica e Racial no Brasil**: a questão das cotas no ensino superior. São Paulo: Attar Editorial, 2005. Cap. 4. p.144-170.

LEITE, I B. Os quilombos no Brasil: questões normativas e conceituais. **Etnográfica**, Lisboa, v.IV, n.2, p.333-354, 2000.

LITTLE, P E. Os conhecimentos tradicionais no marco da intercientificidade. In: LITTLE, P E (Org.) **Conhecimentos tradicionais para o Século XXI**: etnografias da intercientificidade. São Paulo: Annablume, 2010. Prólogo, p.9-31.

PACHECO DE OLIVEIRA, J. Etnografia enquanto compartilhamento e comunicação: desafios atuais às representações coloniais da antropologia. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.) **Desafios da Antropologia Brasileira**. Brasília: ABA, 2013. p. 47-74.

SEGATO, R L. Em busca de um léxico para teorizar a experiência territorial contemporânea. **Série Antropologia**, Brasília: Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, n.373, p.2-20, 2005.